

JORNAL

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

○ programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina.

ROMANCE.

A CONFISSÃO DE UM SUICIDA.

(Continuado do n. 51.)



IV.

A moça recommençõs:

« Dois dias, depois que partiste esta ultima vez, meu tutor apresentou-me um homem de trinta e tantos annos de idade. Elle tinha luto nas roupas, e sua physionomia melancolica revelava o luto da alma.

« Parecia que um longo pezar dera os toques da dôr á aquelle semblante nobre, quebrando todas, uma por uma, as illusões de sua mocidade.

« A elegancia intellectual de sua cabeça se ia perdendo sob o peso do infortunio.

« O sello da desgraça estava estampado em sua frente — era o desenho perfeito da saudade.

« Um dia esse homem, disse-me, que tinha de confiar-me um segredo — revelar-me um mysterio.

« Eserupuloso e delicado, elle contou-me o que vás ouvir:

« E^h elle quem falla, — escuta.

— Eu amei tua mãe, Glézia; mas obrigada

ella casou com teu pai, por considerações de riqueza.

— Não tendo podido arrancar do coração, á força de virtude de esposa, o seu primeiro e unico amor, tua mãe amou-me até o ultimo instante da existencia.

— A' cabeceira de seu leito de morte, — ella supplicou-me como um protesto de meu amor — o juramento de te pedir eu em casamento algum dia do futuro.

— Eu venho hoje cumprir a minha promessa. Mas antes de responderes, attende-me ainda.

— Eu venho offerecer-te um amor de pai — um coração terno e grave. Não quero enganar-te; não te posso amar como amei tua mãe, porque ainda a amo — porque ainda vivo para satisfazer o seu derradeiro desejo — porque quero substituil-a junto de ti — zelando-te até meu ultimo momento.

— Sim! eu não posso amar-te como ameia-a — e entretanto és o retrato della.

— Tambem, eu só quero tua amizade de filha

— comquanto te exija a morte do amor em teu coração.

— Pesa pois o sacrificio que te propouh: em vez do orvalho que rescenda o perfume das flores da manhã da vida, vás ter os raios quentes do sol do meio dia para erestal-as, sem ter tido uma aurora.

— Só me resta agora provar-te. minhas proposições.

— Aqui tens uma carta de tua mãe — o seu retrato e o meu, tirados juntos: deves ter um outro como este.

— Pensa, Clelia, e não des um passo precipitado: eu esperarei.

— Sim ou não, será o portico de minha felicidade; sim ou não, eu receberei satisfeito; sim ou não, terminará esse longo martyrio de desenovent annos; porque, ou terei uma filha que me adoce a vida, ou não existirá mais empecilho de quebrar um coração que me tortura — como se tivesse uma braza á escaldar-me as fibras.

— Adeus.

« Quando elle retirou-se, eu li a carta de minha mãe: era a letra della, que eu comparei com a de seus escriptos que possuia — eu tinha um retrato justamente, como o que elle me havia dado.

« Vê, Alfredo, disse a moça, tirando uma medalha do peçoço e estendo-lhe a mão.

O moço nem se moveu: com a cabeça recostada em um de seus punhos — elle conservou sempre um ar glacial e secco, desde o começo da narração do pedido de casamento, surdo aos suspiros dessa creatura angelica, como o Phariseu aos canticos sagrados do templo do Senhor.

A medalha cahiu da mão da moça, como se a indifferença desse homem fosse um estupor que lhe tirasse o tacto.

« A carta, proseguiu ella — era o pedido de minha mãe — tal qual me havia elle feito: — tão tocante... e era a primeira vez que eu sentia a impressão das palavras de minha mãe!

« Eu adivinhei sua voz — como se um echo partido ha desenovent annos da beira de um tumulto viesse depol-a aos meus ouvidos, infiltrando-se-me no coração...

« Acreditei, pois, tudo que esse homem me havia dito; e foi quando assaltou-me ao espirito, pela primeira vez, a idéa de casamento: sim, porque o amor que eu te consagrava, era um amor de irmã; eu não tinha o pensamento de casar-me contigo.

« Quando o tive, meu coração horrorizou-se, minha alma repelli-o, meu somno era interrompido de pesadelos!

O moço sorriu — foi um riso sarcástico e mordaz, como um riso de atheu.

« Perdôa, Alfredo, se eu não pude affagar a idéa de ser tua noiva; mas eras sempre tu o ente que eu mais amava no mundo.

« E, pois, eu accitei esse homem em casamento.

« Não o amava, mas ia livral-o de um suicidio, — ia cumprir a derradeira vontade de minha mãe, e pura como uma virgem — trocando neste casamento o sentimento de esposa pelo de filha, eu sempre te poderia dizer sem remorso e sem pejo, — és sempre tu Alfredo o ente que mais amo no mundo.

E não envermelheces, mulher! interrompeu o mancebo erguendô-se como um possesso, de, na hora solenne do passamento, zombar daquelle, que fizeste tão desgraçado — com essa mentira constante proferida com toda a audacia!!...

« E' verdade, disse a moça indignada, com o ar sublime de uma santa — eu esquecia que fallava á um louco — seja elle embora aquelle que eu ago como meu irmão.

Louco, repetiu o mancebo pensativo. Mas retomando sua calma ironica, gelado como o Giaour, disse:

« Mulher, esse homem em quem depunhas tanta confiança, não te acabava de contar a desgraça de tua mãe, por se ter casado com outro, que não elle, a quem ella havia consagrado seu primeiro e unico amor?!

« Não erão identicas as circunstancias; minha mãe amava-o com os desejos de ser sua esposa; eu nunca te amei assim, que eu te amei como uma irmã, e meu casamento era excepcional, — era um convenio.

« Perdôa, se eu não te pude recompensar; mas os sentimentos são espontaneos — a vontade não os cria.

« Embora eu estimasse esse homem pelo seu infortunio e pela generosidade de seu coração, — embora o ultimo pedido de minha mãe em favor daquelle que ella tinha amado, embora tudo, Alfredo, eu não me casaria com elle — se soubesse que te fazia tão desgraçado; porque és sempre tu o ente que mais amo neste mundo....

« Eis o meu unico remorso.

« Dizei-me agora mulher vossa ultima vontade, disse o mancebo arrancando um punhal do peito, com uma voz nervosa como um tiro de espingarda.

« O teu perdão e morrer, respondeu a moça, cabindo de joelhos a seus pés.

O moço suspendeu-a pelos cabelos, deu-lhe um beijo na testa; e implacavel como a fatalidade, cravou-lhe a lamina de ferro no coração.

Sua mão tremula largou a trança que segurava, e o corpo tombou.

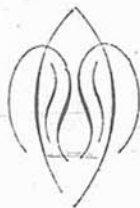
O moço cruzou os braços e contemplou o cadaver. Não era o Mouro sorrindo — vendo Ede-monda estrebuxando, nem Jaromir horrorizado depois de assassinar aquelle que elle chamava seu irmão — não.

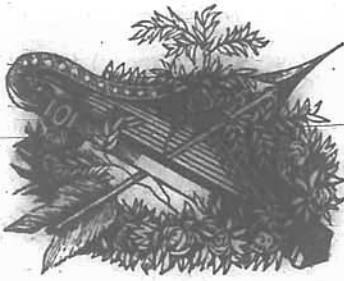
Era uma estatua que representava a poesia do crime.

Ajoellou-se: um grito aspero e estridente, como o grito do Calre, foi o unico som de sua oração.

O mancebo tinha enlouquecido.

(Continúa.)





POESIA.

AMOR.

Quem livre pôde viver
 Dos grilhões do Deus vendado?
 Da vida o agro cuidado
 Faz amor appetecer;
 Não gozar os seus encantos
 Fôra melhor não nascer.

Quem possui um coração
 De uma ternura exemplar,
 Forçosamente no mundo
 Algum ente deve amar;
 Não fazel-o, é não viver,
 E' fenecer... definhár.

Torna-se estoico, descrente,
 Possuído de um torpor,
 Fraco, inerte, desdeixado,
 O coração sem amor:
 E' um deserto tristonho,
 E' jardim que não tem flor.

Procurão uns, sobre a terra,
 O bem que nem sempre dura;
 N'uma amizade sincera
 Se cifra toda a ventura;
 Que mais quer quem tem de seu
 Amor, caricias, ternura?

Não invejo altas riquezas
 Que a ambição corrôe, devora;
 Eu gozo meigos affagos,
 Ella d'ouro se enamora;
 Eu me contemplo feliz,
 Enquanto ella ao Fado implora!

Diga o misero avaroento
 De que lhe serve a riqueza?
 Amor, doçura, amizade,
 Eis do mundo a mór grandeza:
 Para gozar estes bens,
 Antes viver na pobreza.

Ambição, supplicio d'alma,
 És do poeta o terror,
 Acesso foi nos infernos
 O teu fogo abrasador!
 Ide... as venturas do mundo
 Se cifrao todas no — AMOR.

B. J. B.



ROMANCE.

UM AMOR DE MULHER. *

I.

— Insípida cidade de S. Paulo!... De que serve uma vespera de feriado, se não ha theatro, nem baile, nem distracções?! De mais a mais, não tenho relações com familia alguma, onde possa ir ouvir alguma moça cantar a *Favorita* ou *Semiramis*; para me recordar das bellas horas que passei no Provisorio a ouvir a Stoltz em scena; e no camarote....

— Por fallares em theatro. Amanhã temos um concerto vocal e instrumental em beneficio ao Malavasi, que aqui chegou ha poucos dias. elle toca *divertissements* em sua *Bohen*; a Lagsagna canta a cavatina d'*Attila* e a aria da *Eleanora Dori*; e o Ferreira, professor de piano, toca a sua composição — *Bosina dos Alpes*.

— Isto é amanhã; mas hoje o que se ha de fazer? Que horrivel insipidez! Condemnado a aturar-te; — ao menos se fosses *boa prosa*!

— És insaciavel! São Paulo não é tão insipido como dizes. Ha todos os mezes o baile *Concordia*; tinhamos a companhia dramatica, que foi supprida pelo Malavasi: em Junho começão as partidas academicas: em Agosto temos o nosso grande baile em anniversario da creação da academia: em Setembro o baile dos militares — ou

* A originalidade deste artigo, que patentêa fielmente uma conversação familiar entretida por tres estudantes do curso juridico em S. Paulo na vespera de um feriado, nos levou a dar-lhe publicidade nas columnas do nosso jornal, persuadidas de que, alem disto, dando preferencia ás produções dos nossos talentosos patricios, cumprimos um dever, contribuindo da nossa parte, quanto podemos, para a prosperidade da litteratura patria. São da mesma penna, tanto este artigo, como a *Confissão de um Suicido*.

theatro em grande gala, além das corridas de cavallos, a que sabes que concorre a cidade inteira. Para preencher esses intervallos, temos as casas de familias que fazem reunião á noite; temos os passeios a cavallo á *Luz* e ao *Braz*; temos, aos domingos de tarde, musica, moças e flores, no Jardim Botânico, e de noite a Retreita no pateo do Collegio: temos nas vespersas de feriado as nossas sessões litterarias: temos quasi sempre festas de igreja; e todos os dias aulas de manhã, novenas de tarde, e de noite palestra, para quem não quer estudar.

— Estás muito ufano, julgando que defendeste S. Paulo: tudo isso que disseste é a prova mais exuberante da monotonia e da ruindade desta terra. Eucheste a boca, e chamaste baile á *Concordia*, que não é senão um *soirée* muito pequeno e mal servido; e não posso levar á paciencia que sejam convidados somente dez estudantes, e eu nunca sou convidado. A companhia dramatica que tivemos, e que nos ameaça com a sua volta, só tinha um comico soffrivel: as partidas academicas, has de ver que dão em agua de barrefa, como acontece todos os annos. O nosso baile de 14 de Agosto e o dos militares no dia 7 de Setembro, são cousas extraordinarias. As corridas de cavallos são uma vez por anno. Os passeios do *Braz* e da *Luz* só servem para uma vez.

O Jardim Botânico com moças e musica, — já lá se foi esse tempo; e eu não gosto de flores senão dadas por alguma menina como prenda de amor; embora sejam ellas raras como o cravo preto, e cheirosas como a violeta. A Retreita só diverte a patulca. As festas de igreja e as novenas não são divertimento para mim, que sou religioso. E por mal de meus peccados não tenho relações com as poucas familias que admittem reunião á noite, e sou deste modo reduzido á massante palestra de um cynico da tua laia.

Quanto á commodidades, estamos no mesmo caso; não ha cabelleiros para homens — que dirá para as senhoras! Apenas o Costa Pinto, que só sabe cortar o cabelo á *melenbant*, como elle diz: é por isso que aqui as moças ainda penteão-se á moda antiga de nossa mãe Eva — quando soube amarrar o cabelo, — conquanto algumas já usem de penteados de bandós e á Stuart. Modistas — meles; é verdade que isso é economico para os pais de familia. Confeitarias, nem uma por descuido; aqui só ha sorvetes quando cabe chuva de pedra. Hotel, numero um: relogeiros, dous; carros, ha apenas uns cinco de particulares — e um social de aluguel; e esse mesmo para alugar-se é preciso carta de empenho. Emfim, nem charutos soffríveis — porque o unico charuteiro de S. Paulo, o *Californio*, não está ainda mestre no officio.

— Nem tudo ha de ser bom: has de concordar que temos bons alfaiates, bons sapateiros, bonitas lojas de fazenda, excellentes doceiras, fructas que só dão na Europa; e o que é melhor do que tudo, o clima sadio.

— Qual sadio! padeço constantemente de beijos rachados e de calos em todos os dedos.

— Mas isso é por causa do frio excessivo, e das calçadas que não são muito boas.

— Devias dizer — que são infames; não ha

uma só rua que seja calçada com lages junto ás casas!

— Concordo; mas fica esse incommodo indemnizado pelo prazer que se sente olhando-se para as janellas onde se debruça á tarde as lindas Paulistas, que mettem no chinelo as Fluminense e todas as belezas do Brasil: são as Circassianas do mundo.

— Que absurdo! que blasfemia! que asneira inclassificavel! que monstruosidade! que gosto estragado! que destempêro! que paradoxo insustentavel! que....

— Dou-te por suspeito nesta causa.

— Estou horrorisado! Como é que se avança semelhante cousa! Qualquer imparcial será de minha opinião. Em que consiste a superioridade das Paulistas sobre as Fluminenses?!!!

— Em tudo.

— Em nada: a mulher não é somente uma estatua; além da belleza de fórmulas, quer-se o espirito e a graça; quer-se um semblante formoso, mas que tenha uma expressão que revele os thesouros innocentes de um coração de donzella; quer-se uns olhos bonitos, mas que saibão olhar como uns pardos meio-azues que eu reconheço; quer-se uns labios rubros, mas que um sorriso os arque com graça; e sobretudo quer-se uma cintura de Fluminense, que é dogma — que as Paulistas não sabem vestir-se.

— E justamente onde fazes consistir a superioridade das Fluminenses, que eu reconheço a sua inferioridade ás Paulistas. — Aquellas são bellas por causa da arte e do luxo; — as outras, singelas e simples, sem os recursos da Corte, desconhecendo as invenções da Bloomier, sem modistas, sem cabelleiros, sem figurinos, sem jornaes de modas, e entregues somente á seus proprios adornos, — recamão um baile como as estrellas um Céu puro, — são admiradas com enthusiasmo, e têm por toda parte a fama de moças lindas — o que faz inveja ás Fluminenses.

— Ora diz-me: qual é a que mais agrada — a mulher que reúne aos encantos da natureza os adornos da arte, que sem desnaturar a belleza, fazem sobresabil-a, algumas vezes embelezando uma cintura que pôr si não seria elegante; ou aquella que só pôde dispor dos enfeites naturaes, que não sabe ornar-se, que não aperfeicôa os encantos que Deus lhe mimosca com essa condição?! Lê o *Jornal das Senhoras*, e verás mais saliente esta verdade. O luxo é para as mulheres — como o sol para as flores.

— Não seas pedante, — isso não é teu, é de Bernardin de Saint-Pierre.

— Seja de quem fór — é applicavel: julgo que ficaste convencido, e senão vai ao *Cassino*, ao *Campestre*, á *Phil Euterpe*, ao *Provisorio*, etc., etc....

— Já tenho ido, milhão de vezes, e nem por isso me arrefoço de minha opinião.

— Admiro-me, pois, como tu um estudante — isto é, um rapaz de *bom-tom* — tenhas um gosto tão exquisito: é verdade que uns gostão de mel e outros de fel.

— Isso é enthusiasmo ou imaginação escalpada. — Já vens com o ridiculo porque não podes responder aos meus argumentos.

NAPLES

Etude pour le Piano



PAR



ALPHONSE LEDUC

Par ALPHONSE LEDUC.

(Op: 154 - 4^{me} Livre.)

And^{no} quasi allegretto (♩ = 65)

3^{me}

ÉTUDE.

Un poco più animato.

Amabile.

First system of a piano score. The right hand features a melodic line with slurs and accents. The left hand provides a harmonic accompaniment with chords and single notes. Pedal markings are present in the bass line.

Second system of the piano score. It includes the instruction "ritard: molto e sempre." in the left hand and "in Tempo." in the right hand. The music shows a gradual slowing down followed by a return to the original tempo.

Third system of the piano score, continuing the melodic and harmonic development. Pedal markings are used to sustain the bass line.

Fourth system of the piano score. The right hand has a melodic line with slurs and accents. The left hand has a steady accompaniment. Pedal markings are present.

Fifth system of the piano score. It features a dynamic marking of *ff* (fortissimo) in the left hand. The right hand has a melodic line with slurs and accents. Pedal markings are present.

First system of a piano score. The right hand (treble clef) features a melodic line with slurs and accents, starting with a *p* dynamic and reaching *ff* later. The left hand (bass clef) provides a steady accompaniment of chords, with 'Ped:' markings and diamond symbols indicating pedal changes.

Second system of the piano score. The right hand continues with slurred and accented notes. The left hand has 'Ped:' markings and diamond symbols. A *sf* dynamic marking is present. The system concludes with the instruction 'ritard e sempre dim:' and a fermata over a final chord.

Third system of the piano score. The right hand features slurred and accented notes. The left hand has 'Ped:' markings and diamond symbols. The instruction 'a Tempo.' is written above the right hand.

Fourth system of the piano score. The right hand has slurred and accented notes. The left hand has 'Ped:' markings and diamond symbols.

Fifth system of the piano score. The right hand has slurred and accented notes. The left hand has 'Ped:' markings and diamond symbols. The instruction 'ritardando.' is written above the right hand, and 'sempre.' is written above the left hand. The system ends with a fermata over a final chord, with a *pp* dynamic marking below it.

— Basta — que isso já vai cheirando a desfructe; parece que estamos em *sabatina*.

— Apoiado! gritou um terceiro, tirando a cabeça fora dos cobertores de lã: vocês não me deixáreis dormir; mas já que se caláreis, vou dar a minha opinião á respeito. Para mim, sendo a moça sympathica, e que saiba amar com effervescencia — essa é a que eu prefiro; e por consequencia, nem as Paulistas que tem o coração de gelo, como este maktito frio que estou curtindo, nem as Fluminenses que parecem ter o sentimento de azogue — que evapora-se n'um momento — valem tanto como as Pernambucanas, que tem uma alma de fogo — e que sabem sentir um amor que se gradúa como o termometro. —

— Quem ha de gabar a noiva senão o noivo!?

— Não é por serem minhas patricias; e se quizerem ouvir, escutem um facto que se deu ha poucos annos, e verão se o que eu digo tem fundamento.

— E' algum souho que tiveste enquanto conversavamos.

— Palavra de honra, que me contarão como verdadeiro.

— Pois bem; se fôr alguma cousa sem graça, damos-te uma *raia* no fim: começa.

— Antes de tuó dá-me um charuto.

— Então! quando principias?

— Espera, deixa-me acender este *californio* que está com feições de *quebra-queixo*.... Agora... bem: para ter maior interesse vai em fórma de romance, e se lhes parecer, revistão o facto de poesia, e publiquem-no em algum de nossos jornaes academicos. Eu como não tenho imaginação fertil, e nem sou poeta, vou contar-lhes o facto descarnado e em linguagem simples.

— Vá mesmo em fórma de romance; isso é o *acant-propós*, disserão os dous ao mesmo tempo.

— Justamente: e por consequencia segue-se o título —

— Devia ser primeiro.

— São opinioes; mas por isso não se péra. O título é.... é — Um amor de mulher.

E tudo isto se passava em S. Paulo, em vespera de feriado, n'um quarto de estudante, que todo mundo sabe como é *bem aranjado*. Por um excesso de *ordem* a cama achava-se no meio do quarto, onde estava deitado o nosso estudante que promettêra a narração do facto: outro estava sentado sobre um bábú, e o terceiro em uma cadeira de palha.

Mas não interrompamos, e continuemos a attender a essa sessão *escolastica-familiar*.

X. Y. (Continúa.)

MULHERES CELEBRES.

A

(Continuado do n. 51.)

ANNA BOLEYN, nasceu em 1500. Em 1552, foi apresentada á corte de Henrique VIII, e teve a infelicidade de agradar a esse monarcha, que,

concebendo por ella uma paixão desenfreada, repudiou Catharina de Aragão, sua primeira mulher, e esposou-se secretamente, fazendo-a marquez de Pembroke. — Mais tarde reconheceu-se Anna grávida, o que deu logar á declaração publica do casamento; em 1555 nasceu a princeza Izabel, depois soberana de Inglaterra. — Decorridos tres annos após o nascimento, Henrique, já enjoado do amor de Anna, e sendo esta falsamente accusada pelos catholicos, seus acerrimos inimigos, e pela condessa de Rocheford, sua cunhada, foi arrastada ante um tribunal, composto dos Srs. do parlamento, entes vilmente vendidos ao barbaro Henrique; e sem causa alguma, sem a menor proya, foi condemnada á morte e decapitada em 29 de Maio de 1556. O proprio rei não tardou a justificar sua innocencia casando no dia seguinte com sua nova amante Joanna Seymour.

ANNA COMNENO, filha do imperador Aleixo Comneno; nasceu em 1085, morreu em 1148. — Depois da morte de seu pai, esforçou-se em expellir seu irmão João do throno para dal-o a Nicephoro, seu esposo; porém, por fraqueza deste, abortou a conspiração. — Desde então, retirou-se á solidão, e entregou-se aos estudos. Deixou um poema em grego o *Alexiada*, isto é, a historia de seu pai; poema que foi traduzido em latim por Nicoláo Poussin, e cujo original pára na bibliotheca de Augsbourg.

ANNA COULEY, poetisa e dramaturga ingleza; nasceu em Tiverton, em 1745, morreu em 1809. Escreveu: *o Deserto*; *o Estratagem de uma mulher*; *a Escola dos vellos*; *o Destino de Sparta*, e tres poemas epicos.

ANNA DAXER, filha de lady Campbell; esculptora ingleza; nasceu em 1748, morreu em 1828.

ANNA DE HAUTPOUL, autora de merito; nasceu em 1700, morreu em 1857. Escreveu: *Curso de litteratura para uso dos meninos*; *Zelia*, romance original.

ANNA LEFERE DACIER, illustre hellenista; nasceu em Saumur em 1651, morreu em 1720. — Desde a sua infancia, trocando o bastidor pelo livro, e a agulha pela penna, mostrou que caminho podem tomar as mulheres, apezar dos obstaculos que se lhes antepoem; adquiriu em pouco tempo o conhecimento das linguas grega e latina, e alguns principios scientificos que lhe transmitiu seu pai. — Casou-se em primeiras nupcias com um livreiro de Saumur, e depois da morte deste e de seu progenitor, veio para Pariz, onde se fez logo conhecida pela sua grande erudição. Foi ali escolhida para educar o Delfim, para quem traduziu *Florus*, *Aurelius*, *Dictyles* e outros autores com uma celeridade espantosa; mais tarde passou tambem para o idioma francez a maior parte dos poetas tragicos e comicos, latinos ou gregos, e as poesias de *Sapho* e *Anacreonte*. Chegada então á era brilhante de sua vida, encontrou um seu condiscipulo, o sabio Dacier, e esposou-o. Fanatica por Homero, travou renhida polemica com Lamotte e Hardonin, e cega pelo furor deixou escapar algumas asserções, que compromettêrão o seu talento; porém, se desaparecer da scena litteraria o seu libello, *De la corruption du g-uit*, ninguem ousará censurar a habil traductora da *Iliada* e da *Odyssea*,

que, auxiliada por seu marido, doou á posteridade as bellezas de *Plutarco*, magnificamente comprehendidas e reproduzidas.

ANNA GRANT, litterata escocesa; nasceu em Glasgow em 1756, morreu em 1858. Escreveu: *Os montanhezes*, poema.

ANNA LÉE, visionaria, directora da seita dos Quakers; nasceu em Manchester em 1755, morreu em 1782.

ANNA DE LENCLOS, geralmente conhecida pelo nome de *Ninon*, celebre e sabia mulher do XVII seculo; nasceu em Pariz em 1616, morreu em 1706. De um caracter leviano, não bastou-lhe a fama de sua belleza e aventuras; empunhou a penna, e deixou-nos o que de mais delicado se tem escripto sobre o *sexo fraco*. Sua casa era o receptaculo de todos os talentos que habitavão Pariz, e foi nesse trato que ella aconselhou em materia litteraria á Scarron, Molière, Voltaire e outros grandes engenhos, talvez os maiores de sua época! Finalizou a sua existencia com um rasgo digno de si, legando ao distincto poeta Voltaire, então no começo de sua carreira, 2,000 francos para compra de livros!

ANNA LUIZA DE STAEL-HOLSTEIN, celebre autora; nasceu em 1766, morreu em 1817. Filha de Necker, pelo qual teve desde a infancia uma admiração e respeito elevados á idolatria, mostrou-se digna de seu pai pelo seu talento e nobreza de caracter. Casada com o barão de Stael-Holstein, perfeita nullidade, porém obrigado pelo lugar que occupava (ministro plenipotenciario da Suecia em França) a obrar com a maior circumspecção, não deixou de tomar parte nos movimentos politicos que então agitavão o seu paiz natal. Abraçando a causa da liberdade, formou um plano para a evasão de Luiz XVI, e por occasião da condemnação da rainha enviou ao governo revolucionario a defesa desta. Sob o Directorio cresceu ainda mais a sua influencia, e seus salões converterão-se em tribunaes, onde debatião-se as capacidades politicas e litterarias no julgamento dos homens e de seus actos. Com a vinda de Bonaparte, sendo Anna de Stael incluída na lista dos ideologos, foi desterrada para quarenta leguas distante de Pariz; deixou a França e buscou a Alemanha, onde estudou a sua litteratura com os Goethes, Wielands e Schillers, que a acolherão com a maior distincção. Viagou pela Austria, Russia e Inglaterra, e só depois da queda de Napoleão tornou aos patrios lares. Escreveu: *Allemanha* (obra desprezada á principio, e hoje de grande merecimento); *Delina*; *Corinna ou a Italia*; *Considerações sobre a revolução franceza*. *Influencia das paixões*; e *Litteratura*. Suas obras completas, edição de seu filho, formão 49 volumes in-8.^o

ANNA MARIA LUIZA D'ORLEANS MONTFENSIER, filha de Gastão d'Orleans e de Maria de Bourbon; nasceu em Pariz em 1627, morreu em 1695. Celebrizou-se pelo papel que representou nas revoluções da *Fronde*, em que salyau o principe de Condé. Escreveu: *Memorias*, ou pelo menos existem umas com a sua assignatura nas collecções de Petiot e Poujolat.

ANNA MARIA DE SCHURMANN; nasceu em Cologue em 1607, morreu em 1678. Na idade de 10

annos, aprendeu em tres dias, quasi todas as qualidades de bordados, e cortava em papel innumerables figuras com grande perfeição. Na adolescencia, tornou-se professional na geographia, astronomia, philosophia e theologia; as linguas hebraica, syriaca, caldaica, arabica, ethiopica, latina, grega e ingleza, lhe erão tão familiares como á sua propria. Não ignorando a pintura, retratou-se um dia olhando para um espelho, e empregando em lugar da tela e do pincel um pedaço de vidro e um pequeno diamante. Escreveu muitas obras, e entre ellas: *Opusculo hebregraeca*.

ANNA MORANDI-MANZOLINI; nasceu na fertil cidade dos genios, Bolonha, em 1716, morreu em 1774. Mulher de Manzolini, habil anatomico, com elle aprendeu, e depois da sua morte obteve uma cadeira de anatomia em sua patria, em cujo ministerio ganhou grande nomeada.

(Continua.)

Os intrigantes.

De todos os vicios desconhecidos entre os povos selvagens, a intriga é aquelle vicio, do qual se pode ali menos suppor a existencia. Possuimos um vocabulario polyglotto de quasi todos os idiomas das povoações das duas Americas, e nelle não encontrámos uma unica palavra, que possa, não dizemos exprimir, mas só dar uma idea daquella que nós ligamos á palavra *intrigante*. Se se dissesse á um habitante das margens do *Missouri*, empregando-se uma longa paraphrase — que existe uma classe numerosa de homens tão industriosos para obter por astucia, o que só se deve conceder ao talento e ao merecimento — que têm reduzido a preccito a arte de enganar e fingir — que especulão sobre a boa fé dos outros — que provão, contra o axioma mathematico, que a linha curva é a mais curta para chegarem ao fim a que se propoem — que por meio desta sciencia de intriga passão em pouco tempo da miseria á opulencia, do desprezo á mais alta consideração, e de uma triste habitação a um palacio: se se dissesse á este filho dos bosques — que a intriga aplina todas as difficuldades; aproxima todas as distancias; distribue todos os titulos; abre todas as portas desde a do sachristão até ás do palacio do soberano; o nosso selvagem, maravilhado de semelhantes prodigios, desejaria sem duvida que lhe communicassem os segredos da arte que os opéra. Mas, se lhe juntassem, que é necessario começar por votar a vida inteira aos remorsos e á vergonha; que é necessario pagar cada um destes successos por uma injustiça ou por uma infamia; que é necessario saber, em caso preciso, sacrificar a sua patria, os seus amigos, a sua familia, devorar affrontas, supportar injurias, mendigar desprezos; que é necessario ter um caracter voluvel, proprio a receber todas as mudanças; que é necessario saber aviltar-se entre os caprichos dos grandes e o da canalha; estou bem certo que o habitante dos bosques a quem se offerecião the-

souros e palacios por este preço; bem depressa preferiria as suas florestas e a sua cabana, unico asylo onde a malvada intriga não penetra.

Viscondessa da

CHRONICA DA QUINZENA.

Dia 16. — Baile da *Vestal*.

Dia 17. — Baile dos *Militares*. *Marino Faliero*, no Provisorio.

Dia 18. — Anniversario da aurora do theatro de S. Pedro resurgido. Estreou a Sra. Miró, no drama *Magdalena*, nesse palco orphão, apenas com doze mezes de vida.

Dia 19. — *Marino Faliero*, no Provisorio.

Dia 20. — Decimo oitavo baile da *Eleus*. na *Nictroyense*, *Sylphide*, *Feliz União*; e os *Tres Amores* do Sr. Burgain, em S. Pedro, em beneficio do Sr. Paula Dias.

Dia 21. — Festa de S. Roque, com baile mascarado em Paqueta. Festa do Corpo de Deus com procissão da freguezia de Santa Anna. Festa de S. Joaquim em Santa Rita. Baile da popular *Thalia*, e *Magdalena*, em S. Pedro.

Dia 22. — *Ovos de Ouro*, no theatro de Santa Thereza.

Dia 25. — *Ernani*, no Provisorio, reentrada do Sr. Tati, no papel de Carlos V, corôado e applaudido.

Dia 24. — *Sociedade Philharmonica de S. Christorão*.

Dia 23. — *Phil'Euterpe*, em beneficio dos Madeirenses. *A Pobre das Ruinas*, em S. Pedro.

Dia 26. — *Leonora*, musica de Mercadante, no Provisorio; reentrada da Sra. Zechini, fazendo o papel de *Leonora*.

Dia 27. — *Cassino Commercial*. Concerto vocal e instrumental, no Provisorio, em beneficio da Sra. Clothilde Favrichon. Brincadeira na *Philia*.

Dia 29. — (Se não houver uma contra-ordem da Providencia), baile pertencente ao mez de Julho, no *Cassino Fluminense*.

Dia 30. — (Se lá chegarmos). Em S. Pedro — o *Marquez de Torres Novas*, em beneficio do Sr. Gusmão.

E digão lá esses senhores á estrangeira, que o povo fluminense não se diverte, que o Rio de Janeiro é máo, e que estamos ainda nos embriões do progresso....!

Vamos a rabiscar. Mas primeiro que tudo; aceite a Sra. Clothilde Favrichon os nossos agradecimentos pela obsequiosa attenção com que se houve, convidando-nos para assistirmos ao seu concerto.

E o Sr. recebedor, dos Omnibus das Larangeiras, das 7 1/2 horas da tarde, do dia 25, aceite tambem nessas censuras, por ter feito com que o seu booleiro fosse tão condescendente com as bestialidades, não querendo obrigal-as a chegar ao ponto determinado. Se pragas de urubús matão cavallos, esses teimosos quadrupedes estarião no somno eterno, purgando a culpa que tiverão em fazer com que eu e o meu *Adãozinho* soubessemos (sem

ter vontade) com quantos passos chega-se do Areal das Larangeiras ao cães do Pharoux.

Leitoras, passarei a dizer-vos alguma cousa sobre o nosso theatro de S. Pedro de Alcantara.

Quanto ao que teve logar no correr dessa noite do dia 18, concernente á *Magdalena* e seus accessorios, serei muda, pois lá se foi o que houve; e muita gente viu tudo isso com seus olhos, e ouviu com seus ouvidos.

Dissessem o que dissessem, eu á nada queria attender; e o meu pensamento, a convicção de minha credulidade, minha *espectativa* mesmo, affiançavão-me o Sr. João Caetano dos Santos sobre o palco, na noite do dia 18.

Desmentindo os cartazes, dando treguas á quantas considerações e susceptibilidades podião haver, eu aguardava essa noite, certa de que uma surpresa maravilhosa, filha do enthusiasmo de um Genio, metamorphoseando tudo, apresentasse á meus olhos o homem que ha um anno eu havia visto enbalado pelas musas dos panegyristas do progresso de sua arte.... o homem, que attingindo á soberania dos Numes, *acitava* ha um anno, em sua cabeça, esses louros, onde se archivavão, de envolta com os brillantes e folhas de ouro, os trophéus de sua gloria.... e nesse *aceto* pronunciado por elle burilava com o sinzel da gratidão, em todos os corações que o fanatisavão, um juramento, um voto tão sagrado como a consummação desse mesmo acto!...

E esse juramento, é esse voto, não erão senão um garante ao adiantamento da arte dramatica... á vigilancia e aos desvelos pela vida dessa filha do seu amor, pelo progresso desse amor de sua vida!...

E esse homem, tinha desertado á meus olhos, malogrando minha *espectativa*....

Não estranheis, leitoras, esses transportes em mim, que dominada como qualquer dos *senhores d'ilettanti*, pelo enthusiasmo da apreciação, ponho em pratos limpos meus iacociñios, mais ou menos arrançados, pela vontade de dizer-vos alguma cousa, e condescender com aquelle que me quer litterata.

O que pois levo dito não se entenda uma censura ao artista insigne; accuso sim esses trabalhos do restaurador da arte dramatica e do palco brasileiro, com a companhia lyrica, que não lhe pôde dar senão muitos e grandes desinteresses e prejuizos.

O Sr. João Caetano dos Santos já se não pertence, já não pôde dispor de si, em proyeito de empresa alguma, sem usurpar-se ao renome á que farão jus seus feitos.

O theatro dramatico (que devera ter merecido mais attenção dos senhores representantes, e consequentemente maior subsidio), sem a presença do Sr. João Caetano, de regresso em regresso abysmando-se em um oceano de anarchia, virá a ser um corpo desorganizado de tal sorte, que suas funcções só servirão para completar-lhe a ruina.

Tal axionia já nos vai mostrando o seu caminhohar.

Tocarão o sinistro todos esses dramas, tragedias e comedias, confiadas ao ensaio de quem em muitas peças já nos tem cabalmente provado sua insufficiencia para semelhante tarefa.

Assim pois espero, contricta pelo genio artistico do nosso Talma, que não será mui longa a sua ausencia do palco, e o porvir mostrará que este artista é digno não só dessas honrificas distincções que merecidamente ostenta, como de outras muitas que não tardarão a compensar-lhe as fadigas.

Eis o grande e monstruosissimo bicho de setecentas cabeças! — Mr. Philippe Debarr ressuscitou!

E é dest'arte que os tacs senhores *encomendados* querem attrahir-nos ás peloticas? E está?! Além de fazerem do povo um brinco de momicas, querem-no na classificação de brutos ignorantes?!...

A epidemica mania da rotação das mesas, chapéos, chaves, moedas, etc., lavra cada vez com mais furor. E esquecem-se os fanaticos dessa sorte de magnetismo, que suas cabeças gyrão com mais velocidade!

O somno continua a ser a irresistivel barreira onde se vão esbarrar as atalajas do espirito.... abrolhos onde naufragão os sentidos; serei com-vosco n'um abrir e fechar d'olhos!...

Vai alta a noite; immoveis fluctuão no salso undoso os incansaveis botes e canoas; desponta a Casta Diva mais vermelha do que o verniz do meu piano de mogno; minhas palpebras mal se equilibrão nas altas regiões das orbitas, e suspiro mais por um — ponto final — do que pelo desfecho do *Cavalheiro d'Estagnol* do *Jornal do Commercio*. Morpheu avidamente espregue-me; seus olhos scintilão atravez da cúpula do meu thalamo, a taça de suas dormideiras trasborda; sinto que para esse narcotico uma força magnetica atrahie meus labios... e Deus me dê um somno de orvalho em leito de rosas!....

Gervina N. P. das S. N.

Educação.

Quando Pedro Grande, occupado na difficil empresa do civilisar a Russia, se lembrou de

mandar viajar mancebos das differentes classes do imperio, convencido de que as observações que elles fizessem nos paizes cultos da Europa concorrerão efficazmente para desterrar a barbaridade do seu paiz, apresentou ao senado este seu projecto. Todos os senadores o applaudirão, ou porque o julgáram util, ou porque nem Pedro Grande podia ser isempto da fatalidade comunha a todos os reis de terem sempre razão; um só, entre tantos, teve a nobre franqueza de o desapprovar.

Uma contradicção irrita sempre o homem vulgar, mas atrahie ás vezes a sympathia das grandes almas. O imperador, a quem não seduzia a pluralidade e o numero de approvadores, quiz ouvir a razão.

Então o honrado senador, voltando-se para elle, e tendo feito muitas dobrás em um papel, entregou-lh'o, dizendo estas palavras « *Tirai, senhor, as dobrás a este papel* » e depois accrescentou « *Costumes inveterados pela educação só por ella é que se podem tirar.* »

Estas palavras precedidas de uma tal demonstração de analogia, fizeram tão viva impressão no illustrado monarcha, e tão decisiva, que em vez do projecto das viagens, determinou, que por toda a parte se multiplicassem escolas e estabelecimentos de educação — meio unico por que é possivel mudar os costumes de um povo.

Viscondessa da

CHARADA.

Com meu systema tu conhecerás
Do homem a occulta inclinação; 1
Sem mim crúa não fica qualquer cousa;
Mas cozida sem mim, como o terão? 2

Eu sou do amor materno o typo ingente,
P'ra os filhos defender affronto a morte,
Ao pobre, ao rico, no prazer, na dor,
Eu sirvo, immolada á crúa sorte.

P. de I.

MUSICA

Cumprindo o nosso programma por ser hoje o ultimo domingo do mez, tinhamos de offerecer-vos, queridas leitoras, uma peça de musica de nossa escolha, que passaria pela censura do vosso bom gosto, e talvez, não merecendo as honras do bom acolhimento, fosse condemnada a degredo perpetuo para as prateleiras do vosso guarda-musica. Felizmente hoje pudemo-nos livrar dessa alternativa sempre incommoda a quem alimenta as melhores disposições de vos bem servir: do nosso correspondente de Pariz obtivemos uma colleção de *Estudos* para piano, que, ao mesmo tempo sendo faveis e agradaveis, muito contribuirão para o desenvolvimento da escala de dedos daquellas senhoras que desejão dedilhar perfeitamente o teclado. É pois esta a musica que temos hoje o gosto de vos apresentar.

A decifração da charada do n.º 54 é: *Arpão*.

Acompanha este n.º 55 um agradável estudo para piano.

Typ. do *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N. 165.